A EVIDÊNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE ODONTOLOGIA

The evidence of structural racism in dentistry teaching institutions

Access this article online	
Quick Response Code:	**Website:** https://periodicos.uff.br/ijosd/article/view/70777

Autores:
Fabio Kaian Silva Costa
Graduando em odontologia. Centro Universitário Maurício de Nassau

Instituição na qual o trabalho foi realizado: Centro Universitário Maurício de Nassau

Endereço para correspondência: Rua Vicente Martins, 112 – Cep: 59600-550 – Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, (84)99408-7631
Email: **:** fabiokaian234@gmail.com

RESUMO

A desigualdade racial no Brasil permanece evidente no ensino superior; mesmo com maior acesso de pessoas em situação de vulnerabilidade, as instituições de Odontologia continuam pouco representativas da população preta e reproduzem privilégios que mantêm a predominância branca em espaços de destaque. Trabalho descritivo e exploratório, baseado em revisão bibliográfica narrativa; foram consultadas obras clássicas e contemporâneas sobre racismo estrutural e educação (ALMEIDA; FERNANDES) e buscas em bases como SciELO e PubMed com os descritores “racismo estrutural”, “odontologia” e “ensino superior”. A revisão mostrou baixa representatividade de estudantes negros (ex.: 2,56% em estudo citado), elitização do curso por custos de mensalidade e

materiais, limitação do PROUNI em regiões menores e transferência de vieses raciais para a prática clínica — com justificativas de negligência ou falta de higiene atribuídas ao paciente negro — evidenciando que o racismo institucional afeta acesso, permanência, formação e qualidade do atendimento; a literatura aponta ainda a necessidade de capacitação e políticas afirmativas. O racismo estrutural está presente nas IES de Odontologia, comprometendo a equidade e o protagonismo da população preta; recomenda-se aprofundamento por meio de pesquisas nacionais com questionários a estudantes e implementação de ações afirmativas e medidas institucionais para promover representatividade e permanência.

Palavras-chave: Racismo; Odontologia; Estudantes de Odontologia.

ABSTRACT

Racial inequality in Brazil remains evident in higher education; even with greater access for people in situations of vulnerability, Dentistry institutions continue to underrepresent the Black population and reproduce privileges that sustain white predominance in positions of prestige. A descriptive and exploratory study based on a narrative literature review; classical and contemporary works on structural racism and education (ALMEIDA; FERNANDES) were consulted, as well as searches in databases such as SciELO and Google Scholar using the descriptors “structural racism,” “dentistry,” and “higher education.” The review showed low representation of Black students (e.g., 2.56% in a cited study), elitization of the course due to tuition and material costs, limitations of the PROUNI program in smaller regions, and the transfer of racial biases to clinical practice — with neglect or lack of hygiene often attributed to Black patients — evidencing that institutional racism affects access, retention, training, and quality of care. The literature also highlights the need for training and affirmative policies. Structural racism is present in Dentistry higher education institutions, undermining equity and the protagonism of the Black population. Further research through national surveys with students is recommended, as well as the implementation of affirmative actions and institutional measures to promote representation and retention.

Keywords: Racism; Dentistry; Dental Students.

INTRODUÇÃO

A persistente desigualdade racial no Brasil se manifesta de forma contundente no ensino superior, especialmente nos cursos de Odontologia. Apesar dos

avanços nas políticas de democratização do acesso, como o PROUNI, as instituições de ensino ainda reproduzem estruturas excludentes que dificultam a entrada, permanência e ascensão da população negra. O conceito de racismo estrutural, conforme discutido por Silvio Luiz de Almeida (2018), revela como instituições mantêm e reproduzem privilégios historicamente atribuídos à branquitude, mesmo sem ações explícitas de discriminação. Ademais, é importante destacar que o conceito de raça não possui base biológica, mas sim social, como reforça Flanagin (2021).

A Odontologia, por sua natureza elitizada — marcada por mensalidades elevadas e custos com materiais — torna-se um espaço de difícil acesso para estudantes em situação de vulnerabilidade social, especialmente os negros. Essa exclusão reflete um padrão histórico de marginalização, já observado em pesquisas sobre mercado de trabalho e saúde, nas quais a população negra ocupa majoritariamente posições precárias e informais (Martins, 2014). Além disso, experiências como o estudo de Tuskegee, que utilizou homens negros em experimentos invasivos sem tratamento adequado, evidenciam como justificativas pseudocientíficas foram usadas para sustentar práticas racistas (Brandt, 1978).

No campo educacional, a desigualdade também é evidente. Para Bersani (2017), a consolidação da exclusão racial no ensino superior reforça a predominância da elite branca, enquanto Fernandes (1964) já havia apontado que a miscigenação foi usada como argumento para mascarar a marginalização da população negra. Dados recentes confirmam essa realidade: segundo o IBGE (2019), 75% das pessoas em extrema pobreza no Brasil são negras, o que impacta diretamente sua permanência no ensino superior.

Este estudo tem como objetivo analisar a presença do racismo estrutural nas instituições de ensino de Odontologia, com foco nas barreiras enfrentadas por estudantes negros e nas implicações dessa exclusão para a formação profissional e para a equidade no cuidado em saúde bucal. A partir de uma revisão bibliográfica narrativa, busca-se compreender como as estruturas institucionais perpetuam desigualdades raciais e propor caminhos para a construção de um ensino mais inclusivo e representativo.

REFERENCIAL TEÓRICO / REVISÃO DA LITERATURA

O racismo estrutural é um fenômeno enraizado nas instituições sociais, manifestando-se por meio de práticas, normas e padrões que perpetuam desigualdades raciais, mesmo sem ações discriminatórias explícitas. Diferente

da discriminação individual, o racismo estrutural opera de forma sistêmica, reproduzindo privilégios para determinados grupos raciais e marginalizando outros. Silvio Luiz de Almeida (2018), em sua obra *Racismo Estrutural*, destaca que esse tipo de racismo está presente nas estruturas institucionais, sustentando a hegemonia da branquitude nos espaços de poder e decisão.

Almeida propõe três concepções de racismo: a individualista, que reduz o fenômeno ao preconceito pessoal; a institucional, que atua de forma velada e tradicionalizada dentro das instituições; e a estrutural, que considera o racismo como parte constitutiva da ordem social. A institucionalização do racismo, segundo o autor, ocorre quando normas e práticas aparentemente neutras mantêm padrões excludentes, dificultando o acesso da população negra a espaços de destaque, como o ensino superior.

A ideia de que o Brasil é uma sociedade racialmente democrática é contestada por Florestan Fernandes (1964), que aponta a miscigenação como fator de invisibilização das desigualdades raciais. A presença de negros em espaços antes exclusivos da população branca não significou inclusão plena, mas sim conformismo diante da exclusão. Essa lógica se perpetua nas universidades, onde a representatividade negra permanece baixa, especialmente em cursos elitizados como Odontologia.

Segundo dados da Liga de Ciência Preta Brasileira, apenas 12,8% dos alunos de pós-graduação são não brancos, enquanto 87,2% são brancos. Essa disparidade revela que, mesmo com políticas de acesso como as cotas raciais, o ensino superior ainda é um espaço de privilégio. Humberto (2017) reforça que a ideia de meritocracia ignora os obstáculos históricos enfrentados pela população negra, naturalizando sua ausência nos ambientes acadêmicos.

A Odontologia, por sua estrutura de custos elevados e exigência de materiais específicos, torna-se inacessível para grande parte da população negra. Pesquisa realizada em uma instituição de ensino superior na cidade de João Pessoa (SILVA et al., 2020) revelou que apenas 2,56% dos estudantes entrevistados se autodeclararam negros, evidenciando a baixa representatividade racial no curso.

Além da exclusão no acesso, o racismo também se manifesta na prática clínica. Estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (CANDIDO et al., 2017) identificou que estudantes de Odontologia atribuíam insucessos terapêuticos a pacientes negros com justificativas como negligência, falta de higiene ou não cooperação. Essas percepções revelam como o viés racial pode comprometer o atendimento humanizado e perpetuar práticas discriminatórias.

Dutra (2021) aponta que tais estigmas podem levar à adoção de condutas mais invasivas, como a exodontia, em detrimento de abordagens conservadoras, evidenciando o impacto direto do racismo estrutural na qualidade do cuidado odontológico.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem descritiva e exploratória, com foco qualitativo, fundamentada em uma revisão bibliográfica narrativa. A escolha dessa metodologia se justifica pela escassez de pesquisas específicas sobre o perfil racial de estudantes de Odontologia, o que torna essencial a análise de obras teóricas e estudos empíricos que abordem o racismo estrutural no ensino superior e na saúde.

A seleção das fontes envolveu a leitura de autores clássicos e contemporâneos, como Silvio Luiz de Almeida e Florestan Fernandes, além da busca por artigos científicos nas bases SciELO e PubMed. Foram utilizados descritores como “racismo estrutural”, “odontologia” e “ensino superior”. Apesar da ampla produção sobre racismo em geral, foram encontrados poucos trabalhos que relacionam diretamente o tema à formação odontológica, o que reforça a relevância desta investigação.

Elemento	Descrição
Tipo de pesquisa	Descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa
Método	Revisão bibliográfica narrativa
Fontes consultadas	SciELO, **PubMed**, obras de Almeida e Fernandes
Palavras-chave utilizadas	“racismo estrutural”, “odontologia”, “ensino superior”
Critérios de seleção	Trabalhos que abordam racismo na saúde, educação e perfil sociodemográfico
Número de estudos analisados	9 trabalhos relevantes selecionados
Limitações	Escassez de dados específicos sobre estudantes de Odontologia

Quadro 1 – Caracterização da Metodologia

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos materiais selecionados revelou evidências consistentes da presença do racismo estrutural nas instituições de ensino de Odontologia. Dos nove trabalhos analisados, destacam-se estudos que abordam desde a baixa representatividade racial nos cursos até os impactos do viés racial na prática clínica.

Os dados apontam para uma sub-representação significativa da população negra nos cursos de Odontologia. Em uma pesquisa realizada em uma instituição de ensino superior na cidade de João Pessoa (PB), apenas 2,56% dos 254 estudantes entrevistados se autodeclararam negros (SILVA et al., 2020). Esse dado reforça a elitização do curso, cujos altos custos com mensalidades e materiais dificultam o acesso e a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Além disso, a limitação da oferta de bolsas do PROUNI em regiões geográficas menores agrava a exclusão, restringindo o alcance de políticas públicas que deveriam promover a equidade no ensino superior.

A literatura também evidencia que o racismo estrutural não se limita ao acesso, mas se estende à formação dos estudantes. Estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (CANDIDO et al., 2017) identificou que estudantes de Odontologia atribuíam o insucesso de tratamentos odontológicos a características estigmatizantes de pacientes negros, como “negligência”, “falta de higiene” ou “não cooperação”. Essas justificativas revelam a internalização de estereótipos raciais, que comprometem a qualidade do atendimento e a ética profissional.

Dutra (2021) complementa essa análise ao demonstrar que tais vieses podem levar à adoção de condutas clínicas mais invasivas, como a exodontia, em detrimento de tratamentos conservadores, quando o paciente é negro. Isso evidencia como o racismo institucional pode ser transferido da formação acadêmica para a prática profissional, perpetuando desigualdades no cuidado em saúde bucal.

Dados do IBGE (2019) indicam que 75% da população em situação de extrema pobreza no Brasil é composta por pessoas negras. Essa realidade socioeconômica impacta diretamente a permanência de estudantes negros no ensino superior, que enfrentam jornadas duplas de trabalho e estudo, além da dificuldade de arcar com os custos do curso. A ausência de suporte institucional

adequado contribui para a evasão e para a manutenção da hegemonia branca nos espaços acadêmicos.

Dimensão	Evidência
Acesso	Baixa representatividade de estudantes negros (ex.: 2,56% em João Pessoa)
Permanência	Dificuldade de sustento financeiro; escassez de bolsas em regiões menores
Formação acadêmica	Estigmatização de pacientes negros em diagnósticos e condutas clínicas
Prática profissional	Adoção de tratamentos mais invasivos com base em vieses raciais
Políticas públicas	PROUNI com alcance limitado; ausência de ações afirmativas específicas

Quadro 2 – Caracterização da Dimensão e Evidência

Esses resultados demonstram que o racismo estrutural nas instituições de ensino de Odontologia não é um fenômeno isolado, mas um reflexo de um sistema educacional que ainda não contempla plenamente a diversidade racial brasileira. A ausência de representatividade, aliada à reprodução de estigmas na formação profissional, compromete a construção de uma Odontologia mais equitativa e humanizada.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a presença do racismo estrutural nas instituições de ensino de Odontologia, refletido na baixa representatividade de estudantes negros, nas barreiras econômicas e na reprodução de estigmas na formação clínica. A falta de ações afirmativas específicas e o alcance limitado de políticas públicas como o PROUNI reforçam a exclusão. Recomenda-se a realização de pesquisas empíricas com estudantes de Odontologia e a implementação de medidas institucionais que promovam equidade e inclusão racial no ensino superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Características étnico-raciais da população*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 30 maio 2023.

2. BRANDT, M. de A. *Racism and Research: The Case of the Tuskegee Syphilis Study*. JSTOR, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3561468>. Acesso em: 30 maio 2023.

3. FLANAGIN, A.; FREY, T.; CHRISTIANSEN, S. L. Updated guidance on the reporting of race and ethnicity in medical and science journals. *JAMA*, v. 326, n. 7, p. 621, 17 ago. 2021. Disponível em: https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/2783090 (jamanetwork.com in Bing). Acesso em: 30 maio 2023.

4. BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. *Educação em Perspectiva*, v. 8, n. 3, p. 380–397, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975/2829>. Acesso em: 30 maio 2023.

5. DUTRA, K. D. *Odontologia e racismo: a raça como influência no diagnóstico do cirurgião-dentista, uma revisão de literatura*. São Luís: Centro Universitário UNDB, 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/handle/areas/663>. Acesso em: 30 maio 2023.

6. CANDIDO, L.; FLINKER, M.; BASTOS, J.; FREITAS, S.; et al. Conflitos com o paciente, cor/raça e concepções de estudantes de Odontologia: uma análise com graduandos no Sul do Brasil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, n. 4, p. 290410, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/kS775qdqfbPVfQczdRrkQ6x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2023.

7. LINS, R. M. L. *Mensuração do racismo moderno entre estudantes de graduação em Odontologia no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49058/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Renata%20Matos%20Lamenha-Lins.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023.

8. ALMEIDA, S. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

9. FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.